

ROSA DE SOMBRA

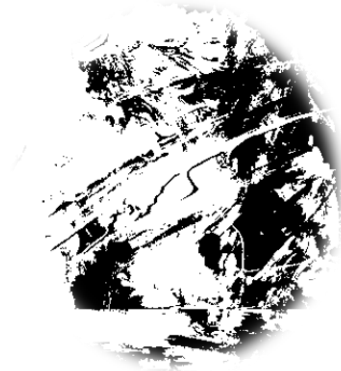


Pollyanna Furtado



*Eclipse
Edições*

ROSA DE SOMBRA



Pollyanna Furtado

2013

© 2013 Pollyanna Furtado Lima

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 5.988 de 14/12/73.

Autorizo a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, para fins não comercial, na condição de que seja respeitada a autoria.

Preparação, revisão, capa, projeto gráfico: Pollyanna F. Lima.

FURTADO, Pollyanna. Rosa de sombra: poema e prosa poética. Manaus: Eclipse [Edição fora de comércio], 2013.

ROSA DE SOMBRA_VERSÃO DIGITAL.pdf

Contato e outros textos:

pollyannafurtado@yahoo.com.br
pollyannafurtado.blogspot.com.br

FRAGMENTOS

...Uma música inusitada e triste se revelou nas paredes do meu sonho. De forma inacabada, mas crescente, como se rasgasse as fibras do meu ventre. Um grito nascia ainda úmido de placenta. Encontrei a minha própria voz como um filho pródigo. Mãe abjeta, não me via maternal dos meus erros. Desprezei os frutos da minha própria carne, o meu sangue. Ainda morno, ele se desprendia de mim até constituir sua forma autônoma. Era meu e não era. Só no mundo. Vagou em recônditos obscuros. Com resquícios luminosos, perpassou por meus olhos imprecisos. Agarrei-o com fúria de amor impregnado de remorso. Um amor sanguíneo matou meu único filho, sufocado nos meus braços insanos.

“BOI, BOI, BOI,/ BOI DA CARA PRETA,
/PEGA ESSE MENINO / QUE TEM MEDO
DE CARETA.” Cantaste só nessa noite.

Eu estava demasiada, em náuseas de amor, para perceber a emancipação do teu caráter. Altivo e mais forte do que o meu. Quando chegaste, eu já havia passado de 400 luas. No anteparo dos ombros de teu pai, me escorei até construir meus alicerces. Isso me rendeu anos de aniquilamento. Ele era a minha escora segura. Mas eu me devorava por dentro. O que sobrou de mim, senão a casca seca?!

Minha alma selvagem! Liberta-me desta náusea que me tira o gosto da vida! Suplico por todos os meus poros, o suor lamurioso de trabalhos excessivos e inúteis. Quanto tempo ainda terei de pagar pelos erros de meus ancestrais? Estou em débito sem jamais pedir empréstimos.

“Ama-te a ti mesmo antes de, ao próximo”. Diz o mandamento do livro anônimo, que não li.

Depois da era de Narciso, encontramos um fosso espelhado, onde, no fundo, há nada.

Ainda que busques uma ilha de conforto no meio do caos das coisas nulas, estás preso à lama que deforma o teu carácter ainda em formação. Buscas sempre a sombra fresca em tórridos desertos, buscas uma luz amena no centro da dissolução abissal. No entanto, estás preso a ti mesmo, aos erros que não cometeste, preso ao que chamamos de condição humana.

Seria capaz de me libertar, mas não agora. A minha indolência torna-me vítima de mim mesma. Os meus apegos. Ah! Os meus apegos infundáveis! Quanto mais tenho, mais desejo. Quanto mais me esquivo, mais me açoitam. Quanto mais eu ganho, mais eu perco.

E esse desdobramento de *eus* que cresce como samambaia e que se multiplica infinitamente.

Diante da imagem trespassada de espectros gerados pela refração das luzes artificiais em choque com a superfície fria dos espelhos e vidraças, a face frágil e sólida se estilhaça. A fragmentação do virtual é reflexo do aniquilamento da carne viva.

Ontem eu estava sólida. Hoje estou líquida.
Amanhã, luminosa...

ROSA DE SOMBRA

No vermelho da sombra,
esconde-se uma rosa azul.
Rosa precária e triste,
sem pétalas nem odor.

Aquela mancha fria,
dissolvida ao pé da porta,
de talos inacabados,
é sombra, coisa morta.

Vi uma rosa rude
se fechar na boca da noite.
Sem ressoar de sinos.
Rosa venosa de Vênus
venenosa.

Matéria lendária de sonho,
um vulto apenas na manhã.
Nem um pássaro quis beijá-la,
a rosa se desfez.

DEBUTANTE RETRÔ

Eu queria fazer de minha existência uma festa. E, para mim, tinha de ser especial - meus quinze anos retrocedidos. Meu idealismo rançoso com as farpas da realidade cortando a minha carne. Ai de meus sonhos juvenis! Queria um mundo de bondade leve. A vida como um sonho delicado, doce e sem diabete. Mas eu caí e a minha queda foi o desastre. As feridas do corpo eram sangue e fragilidade.

Vi dentro das chagas não apenas a dor, mas a inutilidade humana com a qual manifestava os meus orgulhos. Queria o amor, contudo o ódio me consumia. O que faria de mim com tanta sombra devassando o meu corpo?

Precisava empreender uma alquimia. Apropriar-me de saberes complexos e secretos, para resgatar, de dentro do meu ser, a luz perdida.

Porém fui privada da razão e, com as mãos amarradas, não pude tatear os séculos. Assim, o conhecimento que pude agarrar, em parte, foi-me dado por herança, em parte foi induzido por uma intuição refinada, pela falta. Daí o luminoso obscurantismo, o meu fascínio por temas bizantinos, a minha tendência ao retrocesso e ao primitivismo.

Descendi da sombra, cresci como ervas em bosques de pinheirais. Sem diretrizes nem espectros que me alinhassem, segui, por pulsão primitiva, a força das minhas fibras, enlaçando-se nos troncos nodosos. Disso advém uma força destrutiva. O passado herbário marcou meu presente semi-humano. Sou semierva numa floresta inexplorada.

Voltado ao estado semi-humano, sonhei ser um animal mitológico. E de fora, me observava impassível. Olhava o rio sem se importar com a minha presença curiosa.

Eu, um animal nunca visto. Era alongado como um pinguim. Só que a cabeça era mais cheia e o pescoço largo. A plumagem era morte quase cinza. E tinha os olhos sinistros de um abutre. Ainda nesse sonho, Jorge Luis Borges falava-me acerca de coisas inventadas, de animais que nunca existiram, de cidades e pessoas invisíveis. E eu achei que era uma conversa entre amigos, porque, quando se sonha, coisas e seres são tão nossos. O pássaro mitológico, a voz do poeta argentino, os saberes milenares, as imagens, as invenções.

Ilusão de propriedade, pois não temos nada neste mundo. Absolutamente nada. Nem mesmo o corpo. Ou os corpos. Tudo é provisório.

Não gosto de falar através de espelhos. Sinto-me humilhada quando me forçam a criar invólucros diante do meu Ser. Preferia não dizer. Por que as pessoas se escondem? A precariedade

está aí e não podemos nos furtar disso. Tanto melhor seria não dizer. Ser é a questão. Porém minha boca revela uma montanha de inutilidades de uma *persona* esfacelada com as dores de existir.

Eu, o que espero de mim? Tantas coisas. Sou finito e infinito. Mas a dor ainda se sobrepõe. Espero tão pouco, apenas um ser humano menos vil. E as demandas da vida? E as demandas? O mundo espera que eu seja ágil, incansável e invencível. Eu quero ser um ser humano. Parece muito. A humanidade não se importar com o humano.

NO VÉRTICE DA SOMBRA

O inefável me prende
com suas garras de aço e antimatéria.
O olhar esquivo, nas vitrines, cintila...
com a sujidade das coisas aparentes,
refratando nódoas fracionárias.

Alamedas abertas,
veredas do meu sangue,
limítrofe dos meus olhos.
O verossímil do engano
se perdendo no que vejo.

Estou fora, no vértice da sombra.
Penetrando na matéria perecível,
de um grito, antes de acontecido.

.....
.....
.....

Eu destilava as minhas vaidades
diante da vigilante desatenção das estátuas

quando o mundo fractal se abriu,
fraturando meus sentidos
em espelhos partidos
e multiplicados *ad infinitum*.

EU SOU O MEU LUGAR

Firmeza sobre os pés, apesar de... Não importa o lugar onde eu esteja, meu eixo está no lugar. E mesmo que eu me perca com frequência, a minha perdição não é o meu ser. Vou muito além do que padeço. E as fraquezas dos membros não me deixam menos viva. A vida me sobra. Preciso estender os braços para dissipar tanta tensão aprisionada. Não existe crescimento sem retraimento. Assim respiramos: inspiração e expiração.

A minha aldeia é o meu corpo. Esta comunidade que me forma é coesa, apesar das dissidências. Em harmonia com o tempo-espço, estendo minha força vital, como quem tenta agarrar um fruto maduro pendendo do galho. Esse fruto é um sonho longínquo e tenro. E os limites do corpo estão na mente. Se ela não existisse, seríamos todos um só, como numa paisagem natural: o rio está no céu, a terra está nas árvores, o ar está nos frutos. Cada elemento está no todo.

Às vezes, me dou conta dos meus aprisionamentos. Em outras, me esqueço de que fui condicionada a uma porção de coisas. Somente a sacudidela do desespero me lança de volta à autoconsciência, a única coisa capaz de me libertar.

Não tenho raízes, porque não sou planta. Reconheço a esterilidade do meu pragmatismo, mas se fosse pensar numa imagem para minhas inquietações, escolheria a de um pássaro na gaiola ou a de um gato num porão abandonado. Árvores são impassíveis, amo-as impetuosamente. Porém possuem raízes. Eu não as tenho. Eu sou o meu lugar e se alguém me condenar por imprecisão, apenas lamento. Eu sou o meu lugar e meu ser é o mundo.

POEMA DA TUA BOCA

Fechada,
sumo do silêncio ancestral. Aprisiona-me fora.
Eu me resguardo diante do teu templário
[silêncio.

Aberta,
abismo insondável do caos,
expansão de amor e ódio.

Do profundo pântano das palavras
à libertação que espero.
Devoras a minha quietude.

MERGULHO NA SOMBRA

Ela precisava aprender a Ser. E, para isso, deveria olhar para dentro de si. Olhando-se talvez não visse o mais apazível. Ao mergulhar na sombra, veria mundos inexplorados. Frente ao desconhecido, encontraria possibilidades. Descobrimo outros caminhos, entraria em outras cidades. Sabendo de sua potência, tomaria as chaves de tantas portas. Seria capaz de entrar em si? Ela não deixaria para trás a sua própria vida. Queria tantas coisas e, no entanto, tinha nas mãos o infinito.

Ela queria ser a lua e se banhar de sol. Seus pés pisavam sobre a luz solar. Raios e reverberações de um cataclismo e tudo mudou de cor. A cidade, o sonho e a noite cinza se fechando num círculo. Esperava a manhã dourada com a face mergulhada no indizível. As estrelas nas alturas, flores pendendo do talo seco. A sua estrela, uma hélice dourada, que à revelia de sua condição, desfazia as nuvens,

revirava a terra, agitava as águas, despedaçava as rochas. Quando não restasse mais nada, dissolveria a si mesma. Tudo acabado, renasceria o universo.

Estava distante, pequena e luminosa como olhos selvagens no meio das trevas. Pura como a flor no pântano. Num quarto escuro, ela a guardava. Estufa imprópria para estrelas suspensas.

Nas manhãs de outono, abria a janela à procura de uma força maior. "O coração da luz é o sol", dizia. Mesmo quando silenciasse seus lábios, ele permaneceria. Teve vontade de abrir a janela e ver o tapete azul bordado de brilhantes. Há muito não o via. Era sempre a cidade sem luz nas alturas. Feia e amortecida. "Cadê os habitantes desta aldeia?". Estão todos adormecidos. Com estrelas na face, olhava o lado escuro da vida.

E esta vontade de construir outros mundos. Ela era abstrata quando olhava para as coisas. Repetindo saberes, ansiava dizer o indizível. Talvez assim, seria capaz de Ser.

Olhava no espelho, nada lhe dizia. O sol continuará nascendo ao leste. Que importa a cor dos cabelos? A noite continuará a ser noite. Que interessa a palidez das unhas? Nada irá mudar. A menos que sua potência seja posta em campo.

Saber demais inquieta, o sofrimento envelhece. E a placidez estava distante de suas ambições. Por mais que passasse o tempo contemplando a vida, não seria um eremita.

Escrevia porque não tinha memória e a escrita era sua maneira de se guardar. Valia-se da força da pequena estrela. Imperfeita, mas lhe revelava o profundo. Com frequência, ela se cansava. Envelhecera com as últimas crises. Porém não tinha medo. Não havia outra saída.

Sobre a autora



Foto: Maradueira

POLLYANNA FURTADO (1981) é professora da rede pública de ensino e Mestra em Letras – Estudos Literário (UFAM). Publicou os livros de poemas *Fractais* e *À margem da luz* (edição independente, 2007) e *Simetria do caos* (7Letras, 2011).